

BRINCAR E SE-MOVIMENTAR: tempos e espaços de vida da criança

Laudeth Alves dos Reis¹

Maira dos Santos Mussato²

Regina Maria Rovigati Simões³

RESUMO

Este texto se refere a resenha do livro mencionado, a qual os autores apresentam uma crítica acerca da intelectualização prematura da criança, o que tende a prejudicar o seu tempo de infância. Acentua a crescente preocupação do adulto no preparo da criança para o futuro se esquecendo de que necessita viver intensamente o presente. São reflexões que apontam a primazia do brincar e movimento como essenciais à criança, longe de um caráter **didatizado**.

Palavras-chave: Criança; Brincar; Movimento

Resenha do livro organizado por Elenor KUNZ, **Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

A obra, organizada por Elenor Kunz, debate em parceria com convidados, orientandos e ex-orientandos de Mestrado e Doutorado as experiências na Educação Infantil elucidando a criança, seu brincar e se-movimentar como inerentes à condição de infante, abordando de maneira crítica os excessos e pressões exercidas sobre as mesmas na sociedade contemporânea, conforme se propõe apresentar nesta resenha.

Elenor Kunz, além de pedagogo, é profissional de Educação Física e possui Doutorado e Pós-Doutorado em Ciências do Esporte na Universidade de Hannover, na Alemanha.

-
- 1 Mestranda e Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba/ Minas Gerais, Brasil. E-mail: laudeth.alves@gmail.com
 - 2 Mestre em Educação. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba/ Minas Gerais, Brasil. E-mail: maira.smussato@gmail.com
 - 3 Doutora em Educação Física. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Educação Física da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba/ Minas Gerais, Brasil. E-mail: reginasimoess58@gmail.com

Atualmente, é professor titular da Universidade Federal de Santa Catharina e entre suas produções destacamos o livro *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*, que discute a proposta pedagógica crítico-emancipatória da Educação Física.

Ao longo de sua trajetória acadêmica buscou evidenciar que o processo educativo deve contribuir para a reflexão crítica e emancipatória das crianças e dos jovens, e para que, a Educação Física seja um espaço que proporcione autonomia aos alunos para serem protagonistas de sua própria cultura de movimento (MATTOS, 2012).

O livro: *“Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança”*, publicado pela editora Unijuí, é constituído de 136 páginas, divididas em seis capítulos. A apresentação, elaborada pelo próprio organizador, traz como referência o exemplar de Carl Honoré, denominado *“Sob pressão: criança nenhuma merece super pais”*, publicado pela editora Afiliada, Rio de Janeiro, no ano de 2009. A obra aborda uma crítica sobre a educação formal precoce da criança, em que o caráter lúdico do brincar é substituído pela sua *“didatização”*. Ressalta a importância da infância como período que deve privilegiar a riqueza de experiências que desenvolvem a imaginação e a criatividade, de modo que as crianças possam usufruir a liberdade de ser elas mesmas, vivendo intensamente o seu tempo presente sem o gerenciamento, o controle e a pressão do adulto em detrimento ao seu desenvolvimento prematuro. Os pais, muitas vezes, tendem a impor obrigações precoces às crianças, de modo que até mesmo as ações que deveriam ser vistas como necessidades salutares, passam a ser atividades direcionadas à aprendizagem.

A preocupação do organizador centra-se na necessidade de reflexão sobre a relevância do brincar livre e espontâneo, inerentes à criança, como expressão da sua singularidade enquanto um organismo vivo, movido a movimento. As crianças brincam, porque esta é a sua forma mais natural de ser e existir no mundo, imprimindo diferentes sentimentos como: alegria, medo, entusiasmo, fascínio, ousadia, raiva, tristeza, dentre outros, o que possibilita o desenvolvimento da sua sensibilidade com mais liberdade e autenticidade e o não direcionamento durante as brincadeiras.

Também destaca os temas dos seis textos que compõem a produção, que convergem para a liberdade e a criatividade durante o brincar livre e espontâneo dos infantes, destacando a demasiada preocupação que os adultos têm com relação ao futuro, esquecendo-se de viver o presente.

O primeiro capítulo intitulado: *“A imprescindível e vital necessidade da criança: brincar e se-movimentar”*, que tem como autores Elenor Kunz e Andrize Ramires Costa, aborda que o brincar se constitui como uma atividade na vida da criança e que permite a ela um diálogo constante com o mundo e consigo mesma. Contudo, destaca a diferença entre o *“brincar espontâneo”* e o *“brincar didático”*, sendo o último o mais abordado na literatura, fornecendo elementos de interpretação e aplicação da prática. Os autores apontam que o brincar é um momento privilegiado para o desenvolvimento integral da criança dando sentido as suas ações e movimentos, que em nada se relaciona com a preparação para a vida futura, tampouco deve valorizar a competição que é marca de nosso modelo social.

Assim, a cultura da criança é permeada pela cultura do brincar e se movimentar, possibilitando o desenvolvimento de seu potencial criativo e da sua liberdade de expressão.

Em função do ingresso cada vez mais prematuro das crianças às instituições educacionais, deve-se buscar uma maneira de impedir o seu desenvolvimento precoce, a partir da reflexão sobre o que é ser criança e o que é ser adulto. Os autores defendem a importância do “Brincar e se-movimentar” para o desenvolvimento integral da criança, constituído por ela na relação consigo própria, com os outros e com o meio a qual está inserida. Trata-se de um entendimento emergencial que privilegie a criança enquanto um ser em processo e não visando apenas a mesma enquanto resultado final, preparando-a para um porvir ainda incerto. O que significa, com isso, desmistificar a prática do gerenciamento das ações que envolvam a criança no seu cotidiano, privando-a de exercer o seu verdadeiro ofício: ser criança.

No capítulo denominado: “Sem tempo de ser criança: o se-movimentar como possibilidade de transgredir uma insensibilidade para o momento presente”, os autores Gilmar Staviski e Elenor Kunz nos convidam a refletir sobre o tempo e suas implicações focando tanto na ação do professor de Educação Infantil, quanto na vida diária. Destacam a brincadeira como elemento essencial nesse período de crescimento e desenvolvimento do ser criança. E, ainda ressaltam a necessidade de possibilitar à criança viver intensamente o presente, sem a excessiva preocupação de preparação para o futuro. Situações estas que poderiam acelerar sua infância, acarretando até mesmo problemas na vida adulta.

As crianças brincam de modo espontâneo, e seu tempo de ser criança não deve ser negado, contudo, o excesso de atividades a que são submetidas, acabam obrigando-as a aprender a gerenciar o próprio tempo prematuramente. Os autores deste capítulo buscam evidenciar que a administração dos pais e professores que atuam na Educação Infantil sobre o tempo e atividades a serem desenvolvidas pelas crianças, limita a capacidade delas de conhecerem a si mesmas, reduzindo o prazer das brincadeiras, pois, muito cedo passam a compartilhar das pressões e preocupações do mundo adulto. Desta forma é relevante pensar na otimização do tempo e flexibilização de experiências significativas que contraponham as rotinas rígidas e sistematizadas. Sabemos que a busca precoce do desenvolvimento intelectual da criança, em meio as exigências do mundo moderno e competitivo, por parte dos pais e professores incide numa ameaça ao período da criança viver plenamente sua infância, o que requer aceitar a criança na sua condição de infante.

O capítulo três definido como: “A criança e o brincar como obra de arte: o sentido de um esclarecimento”, de António Camilo Cunha e Elenor Kunz, há uma associação entre a criança e o brincar a uma obra de arte, como algo radicalmente novo e inaugural para ela. Essa ação é entendida como a propulsora dos questionamentos por parte das crianças, considerando o ato de fazer perguntas como algo de grande importância para ela. O brincar representa uma expressão sublime da essência do ser humano, que por meio do olhar refinado e sensível sobre a criança pode-se superar o racionalismo técnico nas escolas, tornando esses espaços mais atrativos e interessantes.

A criança e o brincar, associados a arte, no tocante ao belo, demandam um olhar apurado do professor a partir dela própria, das suas especificidades, desejos e necessidades. Com isso os autores discutem e sugerem menos racionalização e maior sensibilidade nas intervenções didático-pedagógicas. De modo que seja essa uma ação de deleite,

experiential, indagadora, exposta e manifestada pelos salutareos questionamentos, sempre estimulados, pelos docentes.

O capítulo subseqüente com título de: “A sensibilidade na Educação Infantil: professoras advertem – As crianças precisariam brincar com maior liberdade – mas a escola é diferente”, escrito por Aguinaldo Cesar Surdi, Danieli Alves Pereira Marques e Elenor Kunz, aponta a maneira como o brincar e o se movimentar têm sido vivenciados no espaço escolar e sua contribuição para a educação da sensibilidade da criança pequena. Os autores ressaltam à priori a relevância do brincar como meio da criança dialogar interagindo corporalmente com o mundo. No entanto, destacam que na sala de aula os professores possuem clareza quanto à necessidade do movimento para as crianças, mas afirmam que o cumprimento das exigências curriculares contribui para a realização de movimentos direcionados, padronizados e técnicos. Sugerem, além da formação continuada dos professores, uma efetiva educação da sensibilidade.

Entretanto, o texto destaca que segundo os professores, os pais não consideram brincar e se movimentar ações importantes para o aprendizado de seus filhos, devido à valorização da intelectualização, e tais ações acabam por ser repreendidas, pois nesse caso, o objetivo de colocarem seus filhos na escola é para o desenvolvimento de conteúdos e condutas (disciplinamento do corpo) pautados numa visão racionalista própria da modernidade, pois são contrários à forma como as crianças chegam em casa “sujas” em decorrência do brincar. Dessa forma, o olhar mais refinado do professor em relação à criança favorece e permite que a mesma viva intensamente, de maneira livre e criativa a sua infância, brincando e se movimentando em tempo real, ou melhor, tempo presente.

“A curiosidade da criança: quem fomenta?”, compõe o quinto capítulo que é proposto por Cícera Andréia de Souza e Elenor Kunz, o qual apresenta a questão da curiosidade da criança como expressão inata e essencial nesse período de sua vida. Salientam ainda que, infelizmente, vai sendo esquecida e/ou mesmo anulada no decorrer de sua trajetória escolar, ao ser direcionada, ou melhor, ensinada, por isso deve-se resgatar o brincar por este ser inerente à natureza humana, como expressão da curiosidade.

Segundo os autores, “[...] o brincar tornou-se uma atividade regulamentada” (p. 108), em que a espontaneidade e a criatividade estão distantes dessa realidade. A partir daí, sugerem ao professor, o estímulo à pergunta, aguçando a curiosidade das crianças latente ao íntimo do seu ser, e possibilitando assim, o “[...] encantamento delas com o mundo” (p. 112). Nessa perspectiva, o brincar e se-movimentar são indispensáveis à cultura infantil, pois constituem as bases necessárias ao fomento de atitudes que a constitui como um ser dotado de curiosidade, sedentas pelas descobertas, características inatas inerentes da criança. Para isso, os autores sugerem que às crianças sejam oferecidas diversas possibilidades de brincadeiras e movimentos, ou seja, experiências que atendam majestosamente suas reais necessidades.

O último capítulo denominado: “O fazer experiência do ser-criança: entre o estímulo e a descoberta”, os escritores Felipe Barroso de Castro e Elenor Kunz buscam refletir acerca da importância do fazer experiência como uma possibilidade de descoberta e entendimento da criança como ser humano na sua complexidade. Nessa lógica, eles

apontam a experiência como um elo estabelecido pelas crianças com o mundo e a mesma passa a ter sentido a partir do significado dado por estas ao brincar e se movimentar, uma vez que são dotadas de intencionalidade.

Evidenciam o brincar e o se-movimentar como experiência inerente à compreensão da criança na sua totalidade, sobretudo na sua forma de ser e estar no mundo fomentando com isso sua espontaneidade, criatividade e curiosidade. Os autores definem a experiência do brincar como “[...] uma forma de estar no mundo que talvez seja a que mais nos aproxima do entendimento do ser-criança.” (p. 125), assim essa ação é a forma de libertação das excessivas referências externas colocadas sobre a criança. Sendo esse o desafio dos professores se almejam “[...] compatibilizar teoria e prática, discurso e ação” (p. 126) a partir da compreensão da criança como um ser humano, ser-criança que vive e anseia para e pelo brincar.

A partir da apresentação dos capítulos pode-se constatar o brincar como direito e necessidade que não deve ser negligenciado e nem subtraído da criança, e sim, vivenciado de forma livre e espontânea, uma vez que brincando e se movimentando a criança mantém diálogo constante com o mundo e se apropria dele. Desse modo, o brincar deve ser livre e espontâneo, respeitando o tempo de ser criança que lhe cabe, considerado como uma obra de arte para que este promova indagações nos infantes, considerado pelos professores e pais como atividade que proporciona conhecimento, desenvolvimento (este considerado como processo natural da vida do ser humano), curiosidade e acima de tudo, uma experiência repleta de sentidos e descobertas que promovam aprendizagens significativas. Assim criança passa a ser considerada na sua totalidade pelos adultos, aproximando “[...] de um melhor entendimento do ser-criança e da própria complexidade humana” (p.126).

O tema em questão não é novidade, e embora tenha sido muito difundido pela literatura, ainda nos deparamos com práticas que revelam um brincar “adultocêntrico”, “didatizado” regido por regras e comandos. Nessa perspectiva, a criança é negligenciada na sua essência, uma vez que o brincar e o se-movimentar são inerentes à infância, ou melhor, à sua característica de ser humano. Os autores trazem de forma plausível e bem sucinta a importância em se proporcionar a elas vivenciar intensa e intencionalmente o tempo presente, ofertando um maior número de diferentes possibilidades para exploração dos diversos espaços escolares e não escolares, que a permeiam. O livro aborda e ressalta a importância dos profissionais que atuam na Educação Infantil em entender e oportunizar uma educação que, efetivamente, entenda a criança como um ser na sua totalidade, sendo este, pura expressão do brincar e se-movimentar.

A indicação do livro para todas as áreas da Educação e campos de conhecimento que se propõem a tecer discussões sobre essa temática é essencial a fim de se (re)pensar o brincar e o se-movimentar como direitos assegurados à criança de viver plenamente e no seu devido tempo, sem pressa, a essência da sua infância.

REFERÊNCIAS

- KUNZ, E. (org.). **Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.
- MATTOS, M. Z. Teoria Crítica e Educação Física. EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires - Año 17 - N° 169 - Junio de 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

PLAYING AND MOVING: children's times and spaces of life

ABSTRACT

This paper seeks reviewing the book in question, emphasizing the authors' critics about the premature child intellectualization, brought about by a constant concern with the future, which impairs the delight of childhood present time. So that the reviewers, in dialogue with the referenced authors seek to stress the primacy and importance of playing and movement for child, to the detriment of exclusively **didactical** character

Keywords: Child; Play; Movement

JUGAR Y MOVERSE: tiempos y espacios de vida del niño

RESUMEN

En este trabajo se pretende revisar el libro en cuestión, aclarando las críticas de los autores acerca de la prematura intelectualización de los niños, provocada por una preocupación constante para el futuro, lo que perjudica el deleite de la infancia en esta ocasión. De manera que las revisoras, en diálogo con los autores referenciados tratan de recalcar la importancia del juego y el movimiento para el niño, en detrimento del carácter exclusivamente **didáctico**.

Palabras clave: Niño; Jugar; Movimiento

Recebido em: abril/2016
Aprovado em: junho/2016